

O estudo de uma família “que supera as adversidades da pobreza”: caso de resiliência familiar?

Yunes, Maria Angela Mattar; Szymanski, Heloísa *

Resumo

Estudos com famílias geralmente enfatizam aspectos deficitários e negativos da convivência familiar focando desajustes e falhas. O interesse pela resiliência em famílias, vem contribuir para reverter essa lógica demonstrando aspectos sadios do mundo familiar. Entretanto, o termo resiliência traz controvérsias ideológicas, agravadas quando se trata de famílias e pobreza. Para minimizar contradições, este estudo partiu de um conceito amplo e sistêmico de resiliência definida como “conjunto de processos que possibilitam superação de adversidades”. Foi realizado um estudo de caso com uma família de baixa renda, moradora de um bairro categorizado como “muito pobre” do extremo sul do Brasil. As estratégias metodológicas para o estudo formal da família foram: história de vida nos moldes da entrevista reflexiva, genograma e análise dos dados através da *grounded-theory*. Os resultados confirmaram que a família vivenciou várias experiências de risco como, adoção, privação de necessidades básicas, migração e doenças. Dentre os indicadores de “superação de adversidades”, o sistema de crenças da família emergiu como eixo norteador dos relatos. A família mostrou que valoriza as relações interpessoais através de interações intra e extrafamiliares formadas em padrões de ajuda, aprendizagem, afeto e solidariedade. Diante de crises, a família busca a compreensão e o sentido das dificuldades para manter o controle da situação pela organização, coesão, comunicação aberta, respeito mutuo e busca de apoio na família extensa e na rede social. O período pós-adversidade é percebido como transformador e benéfico, e o grupo familiar se sente mais forte e com sentimento de solidariedade, uma marca desta família. Sua postura em relação à vizinhança é ativa no sentido de promover o bem estar de outras famílias do mesmo endereço social. Seriam os processos acima identificados adequados para definir “resiliência em família”, ou apenas sugerem a adaptação do grupo às normas sociais dominantes?

Palavras chaves: famílias; resiliência; pobreza; famílias de baixa renda

* Fundación Universidad Federal de Río Grande do Sul – Brasil. E-mail: yunes@vetorial.net

Abstract

Generally, researches with families focus the difficulties and the negative aspects of family life by bringing up their maladjustments and failures. The interest in family resilience contributes to change this logic by demonstrating the healthy aspects of the family world. Nevertheless, the term resilience presents ideological controversies which are more severe when the discussion is about families and poverty. In order to diminish these contradictions this study adopted a systemic concept of resilience which refers to “those processes that make possible to overcome adversities”. A case study was realized with a low income family who lived in a “very poor” neighborhood in the deep south of Brazil. The methodological strategies to the formal investigation of the family were: life history of the family using the principles of reflexive interview, genograms and data analyses through the approach of the *grounded theory*. The results showed that the family lived a number of risk experiences such as adoption, privation of basic needs, migration and diseases. Among the indicators of their abilities of “overcoming adversities”, emerged the belief system as the core of the discourses. The family showed that they value the interpersonal relationships through intra and extra familiar interactions based in the patterns of help, learning, affection and solidarity. During the crisis the family gives meaning to the difficulties in order to maintaining the situation controlled through cohesion, open communication, mutual respect and getting support of the extended family/ social network. The pos-adversity period is perceived as benefic and transforming as the family feels stronger and with feelings of solidarity, which is a mark of this family. Their attitude in relation to the neighborhood is active in the sense of promoting the welfare of other families who live in the same social address. Would those above identified processes be adequate to define “family resilience” or they only suggest the group adaptation to the social dominant norms?

Key words: Families; resilience; poverty; low income families.

Resiliência é uma palavra utilizada com frequência na Europa, Estados Unidos e Canadá. Nestas sociedades, expressões correlacionadas ao termo aparecem tanto no cotidiano de conversas informais, como em situações mais específicas que visam a justificar e direcionar programas políticos de ação social e educacional. No Brasil, seu uso coloquial ou acadêmico ainda provoca estranhamento. Resiliência é um conceito originário da Física e refere-se à capacidade de um material absorver energia sem sofrer deformação plástica ou permanente. Em Psicologia, os estudos datam de cerca de trinta anos e as definições buscam precisão, a partir de diferentes perspectivas teóricas. Alguns autores tratam da resiliência como uma capacidade ou traço de personalidade (Grothberg, 1995; Werner & Smith, 1992) e outros se referem aos processos que explicam o enfrentamento e a superação de crises e adversidades (Garcia & Yunes, 2006; Walsh, 1996, 1998, 2005; Yunes, 2001b; Yunes & Szymanski, 2001).

Resiliência em famílias é um construto mais recente que vem recebendo atenção específica nos últimos dez anos. Os pesquisadores da resiliência em famílias no Brasil e no exterior vêm divulgando com frequência cada vez maior e mais intensa as suas discussões através de artigos teóricos, metodológicos e intervencionistas (Ceconello, 2003; De Antoni & Koller, 2000; De Antoni, Barone & Koller, 2006; Garcia & Yunes, 2006; Hawley & DeHann, 1996; Libório, Castro & Coelho, 2006; McCubbin, Thompson, Thompson & Futrell, 1999; Walsh, 1996, 1998, 2003, 2005; Yunes, 2001b, 2003, 2006; Yunes & Szymanski, 2005, entre outros). A maioria dos pensadores desta temática julgou necessário revisar o foco das investigações sobre a resiliência no indivíduo e reconsiderar mais explicitamente as contribuições da família para o desenvolvimento psicológico da saúde e do bem estar individual e social (Rutter, 1985; Werner & Smith, 1982; Walsh, 1996, 1998; Yunes, 2001b, 2003). É fato que os estudos sobre família enfatizam os aspectos deficitários e negativos da convivência familiar. Portanto, o interesse pela resiliência familiar vem contribuir para reverter esse ciclo de raciocínio e trazer o foco para os aspectos sadios e de sucesso do mundo familiar. No entanto, ainda há muitas facetas deste construto em fases iniciais de investigação.

Os estudos sobre resiliência em família

A pesquisa bibliográfica indica que foi ao final dos anos 80 que as questões sobre *coping*, competência, desafios e adaptação do grupo familiar começaram a ser divulgadas. Um dos primeiros trabalhos desta área foi publicado por McCubbin e McCubbin (1988) sobre a "tipologia de famílias resilientes". Os autores partiram da definição de que famílias "resilientes" são aquelas que resistem aos problemas decorrentes de mudanças e "adaptam-se" às situações de crise. Os autores delinearam a importância de se olhar para o grupo familiar, sem esquecer a sua inserção e relação com a comunidade, e a importância de se incrementar políticas de programas de apoio às famílias. A evolução desta efervescente discussão teórica e metodológica emergiu neste mesmo grupo de pesquisadores com uma coletânea de resultados sobre resiliência em famílias que vivem as mais diferentes situações de adversidades tais quais:

infertilidade (Daly, 1999), homossexualidade dos filhos (Allen, 1999), membros familiares portadores de doenças do tipo AIDS (Thompson, 1999) ou diabetes (Chesla, 1999) e condição familiar pós-divórcio (Golby & Bretherton, 1999). É importante ressaltar que todos os pesquisadores que fizeram parte desta coletânea de artigos apresentaram seus resultados, sustentados por metodologias de cunho qualitativo. Daly (1999) faz a seguinte consideração em seu trabalho com casais que confrontam a situação de infertilidade: “As pesquisas qualitativas, que são apropriadas para compreender estes processos e estratégias, têm sido pouco usadas no estudo da resiliência”(p. 7).

No que antecede estas notórias publicações, poder-se-ia afirmar que o potencial de pesquisas e suas idiossincrasias nessa área de conhecimento foram deflagrados quando alguns autores como Walsh (1996) e Hawley e DeHann (1996) passaram a preocupar-se em esclarecer, conceituar, definir e propor novas perspectivas teóricas para os estudos sobre resiliência em famílias. Segundo Walsh (1996), “o foco da resiliência em famílias deve procurar identificar e implementar os processos-chave que possibilitam que famílias não só lidem mais eficientemente com situações de crise ou estresse permanente, mas saiam delas fortalecidas, não importando se a fonte de estresse é interna ou externa à família. Desta forma, a unidade funcional da família estará fortalecida e possibilitada a resiliência em todos os membros” (p. 263).

Na busca por definições, e na tentativa de integrar as contribuições das pesquisas e da literatura sobre a resiliência no indivíduo e na família, Hawley e DeHann (1996) propõem a seguinte definição: “Resiliência em família descreve a trajetória da família no sentido de sua adaptação e prosperidade diante de situações de estresse, tanto no presente como ao longo do tempo. Famílias “resilientes” respondem positivamente a estas condições de uma maneira singular, dependendo do contexto, do nível de desenvolvimento, da interação resultante da combinação entre fatores de risco, de proteção e de esquemas compartilhados”. (p. 293).

Walsh propõe que sejam estudados processos-chave da resiliência em famílias, os quais fundamentam a sua proposta de “funcionamento familiar efetivo”. A autora organizou seus conhecimentos nesta área e propõe um panorama conceitual dentro de três domínios: sistema de crenças da família, padrões de organização e processos de comunicação (Yunes, 2003, 2006; Walsh, 1998, 2003, 2005). Estes processos podem estar organizados e expressarem-se de diferentes formas e níveis, pois servem diferentes constelações, valores, recursos e desafios das famílias (Walsh, 1998). Estas afirmações sugerem a importância do estudo das histórias das famílias como estratégia metodológica para compreensão de processos de interpretações da situação de adversidade, que por sua vez “impelem ou impedem” indivíduos ou grupos a buscarem soluções para suas dificuldades (Yunes & Szymanski, 2005).

Pode-se notar que, embora a resiliência em família ainda possa aparecer definida de forma similar à encontrada na literatura em que o foco é o indivíduo, o nível de análise é diferente, pois, quando se trata de resiliência em família, deixamos de tratar o fenômeno como uma característica individual que sofre a influência da família, e passamos portanto, a conceitualizar resiliência como uma qualidade sistêmica das famílias (Hawley & DeHann,

1996) e passamos a investigar processos e redes de influência para o desenvolvimento da saúde e do bem estar.

Na ótica do desenvolvimento humano e tratando-se de resiliência como importante sistema de adaptação que visa a promover saúde e bem estar, não pode faltar menção à teoria bioecológica de desenvolvimento humano de Urie Bronfenbrenner (Bronfenbrenner & Morris, 1998) como importante sustentáculo teórico e metodológico destas discussões. A dimensão da reciprocidade de influências e a dupla via processual nas múltiplas interações entre seres humanos e seus ambientes é uma das marcas desta abordagem (Bronfenbrenner, 1979/1996).

Apesar de os pesquisadores da resiliência em família defenderem teorias que ampliam a compreensão anteriormente limitada pelo espectro no indivíduo, surgem algumas importantes indagações: Serão os critérios processuais apresentados suficientes para *definir* resiliência em família? Como evitar que o conceito de resiliência seja usado por políticas públicas que apóiam e mantêm as desigualdades sociais, baseadas no “sucesso” ou “insucesso” de indivíduos, famílias e demais grupos sociais?

O estudo da resiliência em famílias pobres

Quanto à resiliência em famílias em situação de pobreza, é preciso esclarecer e discutir a construção da visão de pobreza como situação de risco na literatura dos estudos sobre resiliência. Alguns autores (Masten & Garmezy, 1985) afirmam que baixo nível socioeconômico é um fator de risco evidente na psicopatologia infantil e vinculam *baixo nível socioeconômico* às discórdias na família. Outros autores (Luthar & Zigler, 1991) constataram que o nível socioeconômico está entre os índices de estresse mais investigados. Mais recentemente, Luthar (1999) apresentou uma completa retrospectiva e análise da relação entre baixa condição socioeconômica e desenvolvimento, usando o referencial ecológico de Bronfenbrenner (1979/1996) e trouxe sua preocupação sobre a direção das futuras pesquisas que norteiam os programas de intervenções com estas populações e a necessidade de termos modelos teóricos adequados para a compreensão das vidas das populações em situação de desvantagem sócio econômica. Igualmente apoiados na teoria ecológica de Bronfenbrenner, os autores Garbarino e Abramowitz (1992) referem-se à pobreza e aos riscos socioculturais que ameaçam o desenvolvimento das crianças, exemplificados por eles como “falta de comida, de afeto, de professores carinhosos, de boas condições de atendimento médico e de valores coerentes com progresso intelectual e competência social”. (p. 35) Outros autores, como Zimmerman e Arunkumar (1994), alegam que “pobreza pode ser vista como uma fonte constante de ameaças que aumentam a vulnerabilidade das crianças. Ser pobre e vulnerável pode levar à privação social, má nutrição ou desvantagem educacional, mas nem todas as crianças sucumbem a estes riscos” (p. 5). Como se pode notar, é bastante freqüente nos estudos sobre resiliência, a afirmação do papel crítico da pobreza no desenvolvimento humano, e, embora não seja a causa direta de deficiências, as circunstâncias associadas a ela apresentam alta correlação com respostas adversas (Garmezy, 1991, Thompson,

1991). Por exemplo, Rutter (1996) alerta para o fato de que a associação entre pobreza/desvantagens sociais e psicopatologias não é tão clara como pode ter parecido para alguns pesquisadores e chama a atenção para os mecanismos de risco, não da pobreza em si, mas dos fatores associados à pobreza, tais como “desorganização familiar e rupturas” como sendo tão relevantes quanto a própria condição social. O autor não deixa claro o significado de “desorganização familiar e rupturas”, mas poderia-se pensar que ele esteja se referindo a famílias que diferem do modelo nuclear tradicional (pai, mãe, filhos), tido como “normal”, enquanto outras formas de composição familiar são “patologizadas”.

Nos dias atuais, é cada vez mais complicado definir “normalidade” quando se estudam processos familiares. Em primeiro lugar, a diversidade de formas e configurações familiares é um assunto que desafia pesquisadores de diferentes partes do mundo. E, em segundo lugar, a visão do que é “normal” é socialmente construída, e portanto sofre influência da nossa própria visão de mundo, bem como da cultura na qual nos inserimos (Walsh, 1993).

Um importante ponto a ser considerado é que muitas das considerações sobre pobreza e sua associação com a questão do risco provêm de pesquisas realizadas em outros continentes, cujas condições socioeconômicas diferem muito das nossas. Mas, independentemente destas diferenças culturais, alguns estudiosos brasileiros (Mello, 1995; Rosemberg, 1994; Szymanski, 1995) apontam a relação que se faz entre fatores de risco e grupos sociais desvalorizados, o que muitas vezes leva à “condenação das diferenças” (Rosemberg, 1994).

Além disso, a própria mídia, instituições e até mesmo alguns pesquisadores têm contribuído para incrementar imagens de famílias pobres brasileiras num panorama de conflito, abuso, violência e negligência. Na realidade, pouco se sabe sobre os processos e a dinâmica de funcionamento destas famílias. Alguns estudos evidenciam que muitas vezes elas se mostram hábeis na tomada de decisões e na superação de desafios, transparecendo uma unidade familiar e um sistema moral bastante fortalecidos diante da proporção das circunstâncias desfavoráveis de suas vidas (Mello, 1995; Sarti, 1996; Szymanski Gomes, 1988). Não se pode negar que as condições indignas e a precariedade das contingências econômico-sociais que castigam a maioria das famílias pobres brasileiras podem afetar de forma adversa o desenvolvimento de crianças, adultos e grupos. No entanto, isso não pode ser considerado regra sem exceção, pois muitas vezes estes grupos desenvolvem processos e mecanismos que garantem sua sobrevivência, não só física, mas dos valores de sua identidade cultural, e conseguem transformar-se no contexto essencial de desenvolvimento para os seus membros. Poderíamos chamar estes grupos de “resilientes”?

No Brasil, Paulo Freire (1970, 1974) escreveu exaustivamente sobre as várias formas de reação das pessoas à privação cultural e à opressão. Central no trabalho do autor é a noção de “consciência crítica” ou “conscientização” como a antítese da opressão. Educação e alfabetização seriam os veículos promotores da emancipação de grupos oprimidos (seriam estes fatores de proteção?...).

Tendo em vista o cenário teórico delineado por esta introdução, numa perspectiva questionadora e crítica do tema em pauta, apresentar-se-á um estudo de caso sobre a vida de uma família que enfrentou situações adversas devido à baixa condição socioeconômica, mas que demonstra ter “superado” muitos obstáculos. A investigação buscou compreender os processos que determinaram sua atual condição de vida e estabelecer o diálogo dos resultados com o modelo teórico vigente de resiliência em família. O objetivo final deste trabalho é provocar a reflexão sobre o conceito da resiliência familiar e apontar novos caminhos e possibilidades de pesquisa e intervenção.

Método

Participantes

Participou desta pesquisa uma família residente num bairro de baixa renda de uma cidade localizada no extremo sul do Brasil. O grupo familiar era de origem étnica negra, configuração nuclear – pai (37 anos), mãe (40 anos) e duas filhas (9 e 6 anos) - e fazia parte da rede de conhecimento informal dos pesquisadores através de um trabalho de intervenção que vinha sendo desenvolvido na escola da comunidade de residência da família em questão. A família foi escolhida pelos pesquisadores por se destacar em alguns aspectos aparentes da dinâmica familiar, tais quais: afeto, entendimento e respeito entre os membros, “bom humor” e freqüente busca de recursos na rede de apoio social.

Instrumentos e Procedimentos

Os contatos com o grupo familiar foram realizados em seu ambiente natural, ou seja, em suas próprias casas no bairro onde residem. A família foi consultada quanto à concordância em participar do estudo. A informação sobre a sua escolha como família participante do estudo foi justificada pelo fato de que o grupo aparentava “estar enfrentando com competência as dificuldades da pobreza” e estar “vivendo bem”. A primeira entrevista iniciava-se com uma questão desencadeadora: “Na realidade, eu não tenho perguntas preparadas. Apenas gostaria de conhecer a história desta família. Peço que vocês me contem da maneira como desejarem”.

Deve-se esclarecer que os procedimentos de obtenção da história de vida da família teve por base a entrevista reflexiva (Szymanski, 2001; Yunes & Szymanski, 2005), no qual são previstos pelo menos dois encontros para que uma relação reflexiva seja construída. A entrevista reflexiva tem por objetivos suscitar informações objetivas e subjetivas, bem como conduzir um diálogo para que o tema em questão possa ser aprofundado numa situação de interação. Neste estudo, o primeiro encontro resumiu-se, conforme citado acima, à exposição dos objetivos do estudo de maneira clara, sucinta e compreensível, e o convite para que a família

relatasse sua história de vida. O segundo encontro foi agendado após a transcrição e elaboração de uma pré-análise dos dados obtidos na primeira entrevista. O segundo contato foi realizado dois meses após o primeiro, e nele o conteúdo da análise foi exposto para consideração dos entrevistados, a partir das seguintes instruções: “Hoje eu vim aqui trazer a minha compreensão do nosso primeiro encontro sobre a história de vida de sua família. Sintam-se à vontade para concordar, discordar, mudar ou acrescentar idéias e fatos ao que eu lhes disser”. Em seguida, as categorias de análise foram apresentadas para apreciação do grupo familiar que podia manifestar-se no momento em que desejassem. Todas as entrevistas foram gravadas, sendo imediatamente após, transcritas para posteriores procedimentos de análise. O convite para o relato e comunicação da análise da história de vida era extensivo a todos os participantes da família. Cada encontro teve a duração aproximada de uma hora e meia.

Para apresentar graficamente a família estudada, foi utilizado o recurso do genograma abreviado (McGoldrick, Gerson & Shellenberger, 1999), o qual foi construído através de informações obtidas durante as entrevistas realizadas com o grupo familiar (ver Figura 1). Os genogramas usualmente incluem pelo menos três gerações dos membros das famílias, assim como eventos críticos da história familiar e relacionados ao ciclo de vida.

Para análise dos dados qualitativos obtidos foram escolhidos os princípios da *grounded-theory* (Glaser & Strauss, 1967). A *grounded-theory* foi cogitada, neste caso, por oferecer condições de descoberta de uma teoria a partir dos dados coletados (Yunes, 2001a; Yunes & Szymanski, 2005). O pesquisador que faz uso da *grounded-theory* tem possibilidade de organizar uma grande quantidade de dados qualitativos, neste caso obtidos a partir dos relatos, em códigos, subcategorias e categorias. O rigor dos procedimentos desta forma de análise, possibilitam uma certa “descontaminação” das idéias teóricas e hipóteses previamente elaboradas para a realização do seu estudo. É uma abordagem particularmente válida para campos de pesquisa pouco conhecidos.

Resultados

O panorama geral das entrevistas:

Estavam presentes nos encontros com a família¹: o Sr. Orlando, a Dona Jacira e as meninas Paula e Talita. A configuração da unidade familiar e da família extensa está detalhada no genograma apresentado pela figura 1 abaixo.

A casa da família ficava numa “*das melhores ruas do bairro*”, apesar de não ter calçadas e sim valetas, e não ser pavimentada. Segundo Dona Jacira, há alguns anos, as

1. Os nomes dos entrevistados são fictícios para garantir os seus anonimatos.

condições da rua eram muito piores que as atuais e as casas eram bem mais pobres, quase todas feitas de madeira ou lata, "uma favelinha". Os terrenos tiveram que ser aterrados, pois, quando chovia, "a água entrava pra dentro de casa... se andava com água até o joelho e tinha que sair com bota de borracha". A residência da família hoje apresenta seis pequenas peças construídas por eles mesmos, com "material", ou seja, cimento, tijolos e areia: quarto de casal, quarto das crianças, sala, cozinha, banheiro e garagem. Por três anos viveram apenas com a cozinha e banheiro em construção, pois desmancharam a peça de madeira. Durante os seis anos seguintes, a casa ficou só no tijolo e no telhado, "sem forro, sem reboco, era muito frio e muito úmido". Atualmente está praticamente terminada e só faltam pequenos acabamentos nas janelas, aberturas e uma tinta de boa qualidade, conforme a opinião do casal. Esta construção é resultado de um investimento de 10 anos.

Quanto às entrevistas, as falas do casal mostraram ordem e organização na estrutura tanto de pensamentos como na temporalidade dos fatos. Ambos iniciaram a história de vida da família a partir de suas próprias histórias de vida, mostrando sempre as similaridades entre ambas. Com isso se quer dizer que, em primeiro lugar, cada um falou de si e de sua infância, adolescência, até que se chegou à fase de namoro dos dois, o casamento, a principal crise vivida no casamento e a situação familiar atual. Todos os assuntos foram tratados por ambos de uma maneira que mostrava coerência e harmonia entre as duas falas, que na maioria das vezes, complementavam-se. As filhas do casal participaram dos encontros de uma maneira indireta, pois entravam e saíam da sala, sentavam ao lado ou no colo dos pais e quando convidadas a falar apenas sorriam timidamente ou faziam comentários monossilábicos.

De acordo com a metodologia da entrevista reflexiva (Szymanski, 2001), foi dito no primeiro encontro que se teria um segundo momento conjunto para explanação da análise e compreensão da mesma. No segundo encontro, a família concordava com tudo o que era dito, mas acrescentava sempre novos exemplos e relatava vivências mais atuais. A cada bloco de categorias que se apresentava, diziam frases do tipo: "Isso mesmo!"; "Exato!"; "É, exatamente!" ou endossavam a idéia com situações e experiências enriquecedoras do assunto em questão. Em nenhum momento houve discordância ou reformulação de categorias de análise.

A vida da família: passado e presente:

Considerando-se individualmente as falas introdutórias das histórias de vida do Sr. Orlando e da Dona Jacira, pode-se notar a presença de categorias similares nos dois discursos, o que evidencia uma certa homogeneidade na trajetória de vida do casal. Nos dois relatos, a ênfase inicial de ambos foi dirigida às *dificuldades vividas no passado*, tais como: a experiência de serem filhos adotivos, as privações, a consciência da exploração e das diferenças sociais e a migração do campo para a cidade, o que passou a constituir uma primeira categoria nos dois relatos. As outras dificuldades mais citadas foram: *financeiras, doenças na família, migração e exploração* conforme

ilustram algumas falas: “*A gente morou embaixo de árvores, né? Uma certa época, até a comida tinha que ser até, como é que eu vou dizer, ... ser racionada.* “. (Sr. O.)

Ambos reafirmam sua visão crítica dos mecanismos sociais e empresariais capitalistas, e afirmam ter consciência da exploração, mas ao mesmo tempo têm muito *medo do desemprego*. Este temor constante faz muitas vezes com que eles aceitem passivamente situações de injustiça. A *consciência de exploração*, é mais explicitamente vivenciada pelo Sr. Orlando, e a esposa compartilha e reconhece as dificuldades do ambiente de trabalho do marido, apesar de seu emprego atual não apresentar as mesmas características. O Sr. Orlando ilustra: “*Ali no meu trabalho, o problema é que a gente tem que obedecer, é horrível, aquilo ali é um quartel, mas é aquele negócio, quem não se adapta ao regime deles não trabalha*” Fica evidente a conotação do sofrimento e indignação que a família vivencia em decorrência destas situações.

O relato do casal revelou que, eles compartilham um mesmo *SISTEMA DE VALORES E CRENÇAS* nas suas maneiras de viver e encarar as dificuldades. A *valorização das relações interpessoais* foi a categoria de maior peso nos discursos das duas entrevistas do casal. Pode-se perceber claramente quatro dimensões nos *padrões de interação com o “outro”* estabelecidos por eles ao longo de suas vidas. Mencionaram a *ajuda recebida* das pessoas, evidenciando sentimentos de gratidão e reconhecimento pela contribuição de algumas pessoas no seu desenvolvimento e ressaltaram a dimensão *aprendizagem*, ou seja, o sentido do outro como aquele que ensina e passa um conhecimento que é apreendido através das relações. “*Foram eles que conseguiram fazer com que eu não... com que a minha cabeça não mudasse para outro lado*”. (Sr. O). O verbo *aprender* foi conjugado por inúmeras vezes durante os discursos. Ao falar sobre suas relações com as pessoas em geral, demonstraram preocupação não só em ajudar, em ser solidários e dar afeto, mas querem *ensinar os outros* o que a vida lhes ensinou, aquilo que “*funcionou*” e deu certo. Assim, pode-se perceber a dupla via, a reciprocidade e o movimento na posição que a família assume diante de suas relações sociais. Ambos mostraram a importância do aspecto *afetivo das relações*, do carinho, amizade, o diálogo e a proximidade do outro. “*Não se tinha o pão, mas tinha aquele abraço () e aquele carinho maravilhoso, aquela atenção. E as pessoas ao redor também era uma gente muito carinhosa, atenciosa*”. (Dona J.). E finalmente, muita ênfase foi atribuída pelo casal ao “outro” como aquele que precisa de ajuda e que deve portanto ser ajudado, formando a subcategoria da *solidariedade*. Este sentimento de preocupação pelo outro é também percebido como uma forma de auto-ajuda, pois a sensação que eles têm é de que quanto mais ajudam, mais são ajudados e mais se sentem participantes da comunidade, o que fortalece seu senso de pertencimento.

“*... porque a gente tem pouco, mas o pouco que a gente tem sempre dá para a gente ajudar alguém. Sempre dá pra ajudar, vamos dizer uma coisa, não tá sobrando, mas dá pra dividir aquele pouquinho com alguém* “. (Sr. O.).

“Aí vem a filha da vizinha e eu fico preocupada com a filha da vizinha, se está sem meia, vou lá dentro pego da gaveta, divido da minha com a filha da vizinha. Não consigo ser egoísta”. (Dona J.).

Portanto, ambos reforçam o *cuidado* que têm para com as pessoas e o sentimento de apreço pelas amizades: *“Tem que ter as pessoas como amigos, é muito bom”.* (Sr. O.); *“A gente cuida muito essas coisas”.* (Dona J.).

Os *PRINCÍPIOS MORAIS E ÉTICOS* são apontados pelo casal como uma questão transmitida e aprendida em suas famílias de origem, o que evidencia a dimensão relacional e geracional desta categoria. Em primeiro lugar, ela abrange uma subcategoria denominada *regras de conduta moral*, em que a família reforça a valorização de princípios tais como, honestidade, respeito ao outro e à propriedade alheia, verdade e seriedade, talvez como uma forma de fugir do estigma negativo da pobreza e legitimar o seu ingresso num grupo aceito socialmente. A *valorização do trabalho e do estudo formal* são outras duas subcategorias que também aparecem vinculadas aos *PRINCÍPIOS ÉTICOS E MORAIS*. O trabalho faz parte da história de vida da família de origem, e sempre fez parte de suas vidas também. Desde muito cedo, o casal aprendeu a incluir o trabalho e o estudo no seu universo de atividades no mundo social. Da mesma maneira que as regras de conduta moral, estes valores foram transmitidos pelas outras gerações e são passados adiante para as gerações seguintes, como uma forma de melhorar de vida e ser incluído num mundo social mais amplo. *“Eu estou sempre mostrando pras gurias, trabalharem, estudarem, serem honestas, não passar a perna em ninguém, sério, falando sempre a verdade, que vocês vão chegar mais além de onde a gente está agora”.* (Dona J.). *“Então, com 15 anos assinei minha carteira pela primeira vez, e graças a Deus até hoje ela continua assinada. Eu tive acho que um ano desempregado em Pelotas e a minha cabeça sempre pra um lado só, né?”* (Sr. O.).

A *ASCENSÃO SOCIAL* aparece intimamente vinculada ao valor do trabalho e do estudo formal, o desejo de subir na escala social e deixar de lado uma condição de pobreza com todas as suas dificuldades. Esta categoria aparece permeando o imaginário do casal desde muito cedo. A *crença em si mesmo*, ou seja, acreditar nas suas possibilidades de vencer através da força do trabalho e de perseverança, somadas a um *olhar positivo* para o mundo e para as pessoas, fazem parte das estratégias eleitas pelo casal no sentido de direcionar e colocar em ação suas expectativas de futuro. *“A gente quer sempre dar aquele pulinho pra frente. A gente olha pra trás também, mas se olhar demais pra trás não vai conseguir passar pelo da frente. Daí eu acho que a pessoa tem sempre que correr em busca de alguma coisa”.* (Sr. O.). *“Mas assim com esse objetivo, trabalhar sério, ser honesta, querer, sonhar é livre e tentar chegar até lá”.* (Dona J.).

A situação de crise: o passado e o presente:

Em meio à narrativa da história de vida da família, cujas infâncias deixaram marcas da adoção e de inúmeras privações decorrentes de situações de exploração e pobreza, surge o relato de uma longa crise vivenciada pelo casal. O motivo de muitas dificuldades enfrentadas foi os 12 anos de alcoolismo do Sr. Orlando, que em certo momento chegou a atingir proporções insustentáveis, de acordo com Dona Jacira, que em diversas ocasiões pensou na separação. O Sr. Orlando atribui seu passado de alcoolismo à influência do pai, por sua vez também alcoólatra (ver Figura 1): *“O meu pai, ele morreu com 70 anos, e se ele pudesse estar com um copo de cachaça na mão ele tava. Eu comecei beber aos nove anos de idade. Não que ele oferecia tanto o álcool. Depois que ele tinha tomado alguma coisa assim... eu não podia ver aquilo. Ah! daqui a pouquinho ele vai estar bêbado, então eu ia lá e tomava a cachaça dele.”* Agressivo, muitas vezes armado com faca ou revólver, o pai maltratava muito a mãe. Era sempre o Sr. Orlando que procurava e tinha sucesso em amenizar a situação através do diálogo. Tanto Dona Jacira como o Sr. Orlando procuraram *ATRIBUIR SENTIDO À SITUAÇÃO DE CRISE*, no caso, o alcoolismo do Sr. Orlando, através de diferentes mecanismos que denotam certas peculiaridades. Para Dona Jacira, o mais importante foi entender que se tratava de uma doença, e que como tal deveria ser tratada de maneira especial. Tendo isso claro, ela passou a adotar pautas de conduta que evidenciavam uma relação de compreensão, ajuda e solidariedade para que o marido deixasse definitivamente a bebida. As principais subcategorias foram denominadas: *entender a situação, permanecer junto e comunicar-se* (algumas vezes através de bilhetes que escrevia), *dar apoio e buscar ajuda fora da família*. Para o Sr. Orlando, sair do conflito significava pensar sobre o assunto, dar a devida dimensão ao problema e tomar decisões, pois ninguém poderia fazer isso por ele. Portanto, o sentido que ele deu à situação foi decorrente de seu *reconhecimento do problema, das perdas, da sua responsabilidade e a busca de ajuda externa*.

O resultado da crise na visão atual do casal:

Ambos concordam que a vida melhorou muito depois que conseguiram “superar” as adversidades que decorriam do alcoolismo do Sr. Orlando. Ele atualmente procura ajudar as pessoas que estão na mesma situação em que ele esteve, pois parece apresentar uma visão clara e distanciada da questão. Sua fala reforça também a questão da *solidariedade*, que aparece em diversas situações relatadas, como uma grande força na dinâmica familiar. *“E hoje eu faço todo o esforço para ver, eu chego a abordar alguns colegas. Abordar o alcoólatra é a coisa mais difícil que tem. Porque a pessoa não aceita, ‘não, não sou alcoólatra, eu paro quando eu quero’, quando na realidade ele não pára, ele bebe cada vez mais... Se ele prometer que não bebe para a mulher, ele bebe a mulher, se prometer que não bebe para o filho, ele bebe o filho, para a mãe ele bebe a mãe, né?”* (Sr.

O.). Para Dona Jacira, houve transformações que beneficiaram toda a família, que hoje mostra maior compreensão e organização nas situações de cotidiano. Ela também volta a reforçar o aspecto da *solidariedade* na sua fala e a mudança para melhor nos processos de comunicação, no que se refere a maior clareza na maneira de interagir, em que atualmente existe negociação e colaboração. Tal abertura nos canais de entendimento do casal parece ter interferido positivamente nos padrões de organização da família, que se sente atualmente mais habilitada para lidar com as questões que garantem a sua estabilidade.

Durante os contatos, o casal dirigiu espontaneamente as suas falas para fazer considerações sobre *A PERCEPÇÃO DA VIZINHANÇA* da vila onde residem há onze anos e com quem mantêm relações constantes, como se pôde constatar anteriormente na análise das outras etapas da entrevista. Através de suas falas podemos identificar, além da experiência vivida numa região extremamente pobre em recursos sociais, ambientais e de saúde, uma crítica expressa e generalizada à maneira de viver das pessoas do bairro. Fica evidente o conceito que o Sr. Orlando e Dona Jacira têm de si mesmos enquanto unidade familiar. Trata-se de uma família que se percebe de forma distinta naquele universo de iguais, onde a miséria é o ponto comum entre todos. Esta visão do outro que vive a mesma situação de pobreza que eles é classificada pela inter-relação de algumas categorias de características das outras famílias da vizinhança. A família relata que há muita miséria e muitas dificuldades no bairro em que vivem, mas o que realmente os surpreende é a *desconsideração dos pais em relação aos filhos*, que são vistos passando fome, doentes, nas ruas, totalmente desassistidos, além de sofrerem espancamentos e diversos tipos de agressão física. Para o casal, as práticas educativas utilizadas na maioria das vezes são inadequadas e calcadas em relações de violência. O casal revela sentimentos de pena e solidariedade nestas situações, e procura agir em benefício da criança, porém de uma forma imediatista, ou seja abrigando, alimentando e protegendo a criança quando ela está sozinha e abandonada. “*Já os pais não têm consideração nenhuma com o filho. Já dão tapa, já chuta, se tiver que botar na rua, ele bota, né? A criança vai para a rua pra pedir. Ou vai até a casa do vizinho, pra comer porque tá com fome. Quando vão pra casa levam uma surra, não tinha nada que ter falado*”. (Dona J.).

Segundo o casal, um outro componente explícito da pobreza que eles vêem é a *violência do marido contra a mulher*, que na maioria das vezes submete-se à situação, por medo de falar e de reagir. Na opinião deles, esta variável está intimamente ligada à violência contra a criança, pois, como afirmam, “*... de medo deles, elas acabam agredindo os filhos. Não podem pegar eles, dar uma xingada ou então um tapa, elas pegam a criança*”.... *quem sofre mesmo na história são as crianças, a mulher, depois da mulher, a criança*”.

Pessoas desanimadas, irresponsáveis, que não trabalham, que não se ajudam, não buscam alternativas, sem objetivos, compõem a visão do morador da mesma vizinhança da família em questão. Segundo eles, as pessoas “*não fazem nada*” e ainda por cima “*querem muito dinheiro*”. No depoimento do casal, esta variável da pobreza também

está intimamente ligada às agressões e maus tratos nas famílias, pois a acomodação das famílias à situação de miséria, é que coloca muitas vezes as crianças em situações de total precariedade de condições de vida.

Dona Jacira acredita que esta “ACOMODAÇÃO” é transmitida através das gerações, conforme sua afirmação: “*Como elas já foram criadas assim, a mãe delas é assim, estão assim e estão botando criança no mundo pra serem assim também. Porque elas não fazem nada, a família não fez nada pra melhorar. É no acomodado que sai isso aí. Pois as crianças na rua, eles xingam, ‘Ah! o moleque saiu pra rua, eu procurei, né/ Ele foi porque quis!’ Não foi mesmo. É dentro de casa, ele é judiado, ele passa dificuldades, ele vai pra rua com algum motivo, não é pra querer passear*”.

Ao ser abordada a questão de *COMO ELES SE PERCEBEM EM RELAÇÃO AOS OUTROS*, Dona Jacira, diz: “*eu não quero ser mais do que ninguém*”, mas o que o discurso evidencia é que realmente eles se consideram *UMA FAMÍLIA DIFERENTE* das outras da vizinhança. Todas as críticas feitas com relação à acomodação, violência e desassistência dos filhos, características atribuídas à maioria de seus conhecidos da região, são expostas de maneira a demonstrar que eles não se encaixam neste perfil. Eles não se percebem como pessoas acomodadas, violentas e displicentes com os filhos, e argumentam no seu discurso a sua iniciativa diante das situações, perseverança e postura pro ativa diante dos desafios. “*A gente agora tá trabalhando, no caso, procura se profissionalizar, se qualificar naquilo que a gente faz. A J. tá todo dia procurando receitas. Eu no meu trabalho, eu faço cursinhos, apareceu um cursinho... Eu, apesar de meu estudo ser pouco, tenho até quarta série, só, mas eu faço cursinhos, já tenho vários certificados em casa. Eu sou qualificado para trabalhar em qualquer classe de veículos*”. (Sr. O.). “*Eu se tou com uma filha doente, eu atravesso, vou lá a pé. Imagina, ponho bastante roupa, pego no colo e vou*”. (Dona J.)

Desta forma, o casal assume uma postura proativa, de responsabilidade social, de investigação, fiscalização e interferência com vistas às mudanças de atitudes “negativas” - do ponto de vista do prejuízo do bem-estar de alguém - dos outros integrantes de seu endereço social, tendo como referência o seu próprio sistema de crenças e hábitos de educação, considerados por eles de sucesso e eficientes na sua família.

No final da entrevista, o casal reafirma categorias relativas às suas formas de organização que definem o funcionamento familiar previamente mencionadas, como o desejo de ascensão social, a valorização do trabalho e estudo, e indicativos de que a família busca mobilizar recursos disponíveis na rede de apoio social. a família acredita que transmitindo o sistema de valores e crenças da família, com ênfase no valor do estudo, dos princípios morais e éticos, na crença em si mesmo e na superação das diferenças sociais, a família acredita que suas filhas poderão ter uma qualidade de vida e um futuro melhor que o deles. A tão falada frase “*tem que ser alguém*” é usada nesta família para configurar a educação dos filhos. Que alguém é esse? Será um alguém com perfil da classe dominante...?

Discussão

A família em questão apresentou um discurso coerente, organizado, com falas complementares e consistentes entre si. As experiências de riscos e dificuldades vividas desde a infância, compostas por adoção, privação de necessidades básicas, migração, doenças, a consciência da desigualdade social e exploração, foram mencionadas como significativas na vida do casal nas duas entrevistas realizadas. Entretanto, os dados ressaltam que as dificuldades financeiras e a exploração nas relações empregador-empregado são as questões mais agudas no cotidiano atual da família, pois ainda traz desafios que são constantemente enfrentados.

Muitos dos fenômenos e categorias de análise identificados neste estudo de caso encontram eco na sistematização dos processos-chave de resiliência em família elaborada por Froma Walsh (1998, 2003, 2005). De acordo com Walsh (1998, 2005), o sistema de crenças e valores das famílias formam “o coração e a alma da resiliência” (p. 50). No caso desta família em particular, a análise dos resultados traz o sistema de crenças como “a espinha dorsal” dos relatos, configurado principalmente pelos seguintes fatores: a valorização das relações interpessoais, o “orgulho” da identidade familiar e a abordagem das situações de crise como um desafio conjunto. A questão relacional com dimensões de reciprocidade e mutualidade, a preocupação com o estabelecimento de vínculos (dentro e fora do grupo familiar) intersecciona-se com uma outra dimensão da resiliência apontada por Walsh (1998, 2005) e denominada processos de comunicação. Deve-se ressaltar que Walsh faz referências mais específicas a aspectos de processos da comunicação interna entre os membros da família. Mas pode-se notar nesta família que a comunicação, as transações, os vínculos e as negociações transcendem a dinâmica intrafamiliar, transbordando por diferentes contextos e ambientes através de quatro padrões de interação: ajuda, aprendizagem, afeto e solidariedade. Conforme apresentado em detalhes anteriormente, estas dimensões emergem de diferentes formas, em diferentes situações de vida da família e em vários momentos dos relatos. Fica evidente, ainda, que cada membro do casal apresenta a sua maneira peculiar e o seu enfoque pessoal nas transações com os demais. Dona Jacira, por exemplo, enfatiza o domínio da aprendizagem no seu relacionamento com as pessoas. É por aí que ela constrói e se apropria de uma concepção de si mesma como membro de uma família bem-sucedida, pois sente-se apreciada e reconhecida por aquilo que sabe (não só na condição de indivíduo, mas especialmente na condição de família), e ao mesmo tempo permite-se aprender aquilo que não sabe, dispondo-se flexível e aberta às novas situações. De acordo com Gilgun (1999), ouvir outras pessoas e levar em conta os seus conselhos, é um importante elemento dos processos de resiliência. O Sr. Orlando concentra-se mais especificamente nas dimensões de ajuda e solidariedade, revelando suas preocupações com o outro e agindo em benefício do próximo, o que também lhe traz prazer e satisfação, enquanto indivíduo e membro de uma família.

Ainda dentro do sistema de crenças da família, o segundo eixo dos resultados das entrevistas evidencia um passado de educação moral rígida, transposto para os dias atuais, na forma de princípios éticos e morais, que incluem: regras de conduta (disciplina, honestidade, seriedade) transmitidas pelas gerações passadas durante o processo de educação (criação), a valorização do trabalho e do estudo formal, o desejo de ascensão social, de melhorar de vida, a crença nas suas próprias possibilidades e uma postura positiva e otimista frente às dificuldades. Neste aspecto, ficou evidente durante a análise que cada membro adulto da família tem valores, propostas e objetivos de vida comuns e específicos. Ambos priorizam os mesmos valores éticos e morais, a educação e o cuidado dos filhos, mas divergem quanto aos objetivos pessoais de futuro, pois Dona Jacira prioriza apenas o trabalho no seu universo e o Sr. Orlando revela desejos de aprimoramento através do estudo formal, além da disposição para o trabalho. Estas diferenças entre o casal parecem ser compartilhadas de forma equilibrada e empática. Diante da situação de crise causada por alcoolismo na família (atualmente já superada), pode-se perceber que as estratégias para lidar com a questão provocadora dos conflitos foram escolhidas em consonância com o sistema de valores e crenças e os processos de comunicação do grupo, que por sua vez ativaram as formas habituais de organização da família. Os relacionamentos intra e extrafamiliares continuaram a ser a tônica do funcionamento do grupo, haja vista que o casal buscou ajuda, afeto, aprendizagem e solidariedade dentro e fora do sistema familiar. No que tange à organização, os princípios morais continuaram a ser seguidos, o trabalho não foi abandonado, bem como as regras de conduta não foram esquecidas. Segundo Sarti (1996), o trabalho é muito mais do que uma necessidade para a subsistência física e material nas classes menos favorecidas. O sentido do trabalho na condição de pobreza é afirmativo dos desejos de vencer na vida, de inscrever uma dimensão positiva no mundo social dominante. A família pesquisada permaneceu estável, manteve a rotina em equipe e a colaboração mútua nas tarefas do dia-a-dia. Antonovsky e Sourani (1988) chamariam tal fenômeno de senso de coerência familiar. Isso significa que a orientação global da família para a vida é no sentido de compreender as crises como desafios a serem administrados por todos.

De maneira geral, as escolhas nos padrões de transação e estratégias de ação de cada membro, foram coerentes com seus papéis na situação de crise, para que o resultado final fosse a aprendizagem e o crescimento de todos os membros. Portanto, se poderia dizer que diante de uma crise a família posiciona-se de forma elaborativa, ou seja, procura a compreensão e o sentido nas dificuldades como uma forma de manter o controle da situação. Embora cada qual atribua o seu próprio sentido às adversidades, o aspecto da valorização das relações interpessoais transparece fortemente como um denominador comum. A organização do grupo familiar mostra coesão, colaboração, comunicação clara entre o casal e filhos, respeito mútuo e a busca de apoio na família extensa e na rede social externa. O resultado da crise, ou seja, o período pós-adversidade, é percebido como transformador e benéfico, e o grupo familiar se sente mais forte, unido, organizado e com um grande sentimento de solidariedade. A solidariedade é uma

marca desta família, e poder-se-ia pensar que dentre os processos eleitos por Walsh (1998, 2003, 2005) caberia um lugar de destaque para esta categoria, que no caso em questão, apareceu com uma categoria fluida que permeou e parece permear as relações de toda a família, dando significado ao viver dos membros adultos e crianças.

Por último, pode-se afirmar que esta família percebe-se, sente-se e age como se fosse diferente daqueles que os rodeiam. Verifica-se a incorporação de uma identidade familiar "positiva" que foge ao padrão "negativo" criticado por eles nas categorias de famílias violentas, negligentes e acomodadas à situação de miséria. Os sentimentos de "ser diferente" e "ter orgulho" das conquistas realizadas e dificuldades superadas fazem com que esta família apresente uma postura crítica, ativa e transformadora que tem como resultado a postura solidária e a intervenção junto a outras famílias que atravessam situações de crises.

Os resultados sugerem que, além de provar-se contexto de desenvolvimento de si mesmos, esta família atua em sua comunidade para "facilitar" e "encorajar" o desenvolvimento daqueles que os rodeiam...

Referências

Antonovsky, A. & Sourani, T. (1988). Family sense of coherence and family sense of adaptation. *Journal of Marriage and the Family*, 50, 79-92.

Allen, K. R. (1999). Reflexivity in qualitative analysis toward an understanding of resiliency among older parents with adult gay children. In H. I. McCubbin, E. A. Thompson, A. I. Thompson & J. A. Futrell (Eds.) *The dynamics of resilient families* (pp. 71-98). Thousand Oaks, California: Sage Publications.

Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development*, Cambridge, MA: Harvard University Press,

Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados* (M. A. V. Veronese, Trad) Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979).

Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. Em W. Damon (Ed.), *Handbook of child psychology V.1* (pp. 993-1027). New York: John Wiley & Sons.

Cecconello, A. M. (2003). *Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco*. Tese de doutorado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

Chesla, C. A. (1999). Becoming resilient: skill development in couples living with non-insulin dependent diabetes. In H. I. McCubbin, E. A. Thompson, A. I. Thompson & J. A. Futrell (Eds.) *The dynamics of resilient families* (pp. 99-133). Thousand Oaks, California: Sage Publications.

Daly, K. J. (1999). Crisis of genealogy: Facing the challenges of infertility. In H. I. McCubbin, E. A. Thompson, A. I. Thompson & J. A. Futrell (Eds.) *The dynamics of resilient families* (pp. 1-39). Thousand Oaks, California: Sage Publications.

De Antoni, C., Barone, L. R. & Koller, S. H. (2006). Violência e pobreza: um estudo sobre vulnerabilidade e resiliência familiar. In D. D. Dell'Aglio, S. H. Koller & M. A. M. Yunes (Eds.) *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção*, (pp. 141-171), São Paulo: Casa do Psicólogo.

De Antoni, C. & Koller, S. H. (2000). Vulnerabilidade e resiliência familiar: Um estudo com adolescentes que sofreram maus tratos intrafamiliares. *Psico*, 31(1), 39-66.

Freire, P. (1970). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (1974). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Garbarino, J. & Abramowitz, R. H. (1992). Sociocultural risk and opportunity. In: J. Garbarino (Ed.). *Children and families in the social environment*, (pp. 35-70), New York: Aldine de Gruyter.

Garcia, N. M. & Yunes, M. A. M. (2006). Resiliência familiar: baixa renda e monoparentalidade. In D. D. Dell'Aglio, S. H. Koller & M. A. M. Yunes (Eds.) *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção*, (pp. 117-140), São Paulo: Casa do Psicólogo.

Garnezy, N. (1991). Resiliency and vulnerability to adverse developmental outcomes associated with poverty. *American Behavioral Scientist*, 34, 416-430.

Gilgun, J. F. (1999). Mapping resilience as process among adults with childhood adversities. In H. I. McCubbin, E. A. Thompson, A. I. Thompson & J. A. Futrell (Eds.) *The dynamics of resilient families* (pp. 41-70). Thousand Oaks, California: Sage Publications.

Glaser B. G. & Strauss, A. L. (1967). *The discovery of grounded theory*. New York: Aldine.

Golby, B. J. & Bretherton, I. (1999). Resilience in post divorce mother-child relationships. In H. I. McCubbin, E. A. Thompson, A. I. Thompson & J. A. Futrell (Eds.) *The dynamics of resilient families* (pp. 237-269). Thousand Oaks, California: Sage Publications.

Grotberg, E. (1995). *A guide to promoting resilience in children: strengthening the human spirit*. The Hague: The Bernard van Leer Foundation.

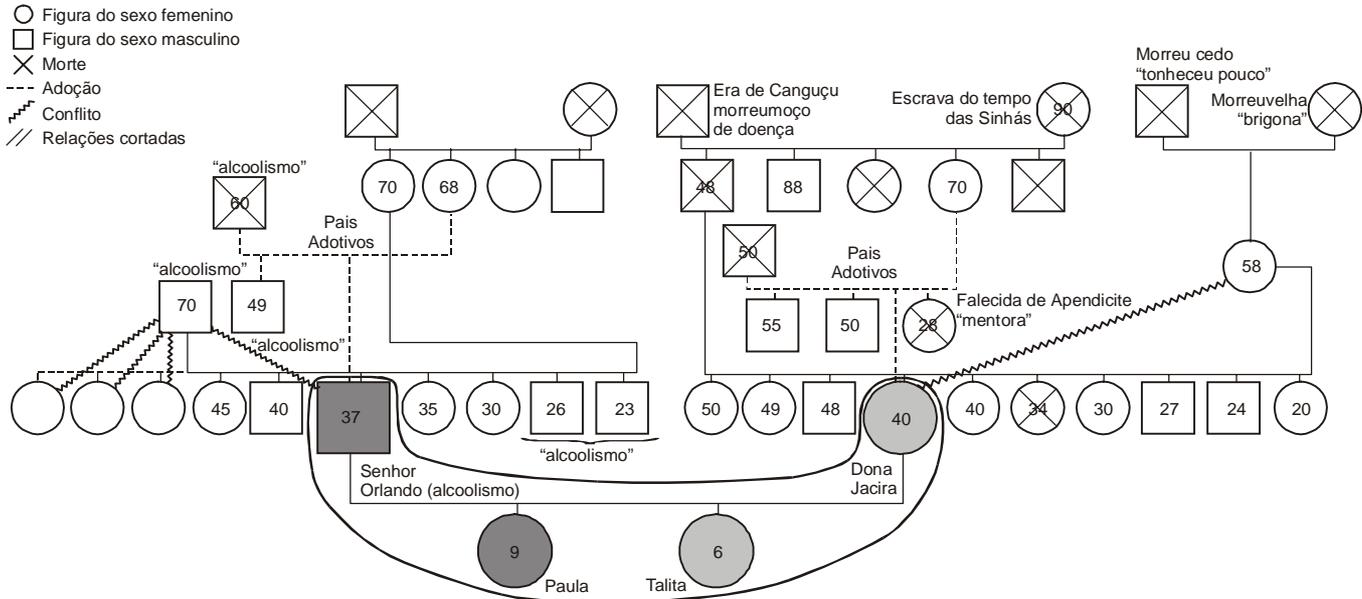
Hawley, D. R. & DeHann, L. (1996). Toward a definition of family resilience: Integrating life span and family perspectives. *Family Process*, 35, 283-298.

Libório, R. M. C., Castro, B. M. de & Coelho, A. E. (2006). Desafios metodológicos para a pesquisa em resiliência: conceitos e reflexões críticas. In D. D. Dell'Aglio, S. H. Koller & M. A. M. Yunes (Eds.) *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção*, (pp. 89-115), São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Luthar, S. (1999). *Poverty and children's adjustment*. Developmental Clinical Psychology and Psychiatry, London: Thousand Oaks; California: Sage Publications.
- Luthar, S. S. & Zigler, E. (1991). Vulnerability and competence: a review of research on resilience in childhood. *American Journal of Orthopsychiatry*, (61), 1, 6-22.
- Masten, A. S. & Garmezy, N. (1985). Risk, vulnerability and protective factors in developmental psychopathology. In B. B Lahey & A. E. Kazdin, *Advances in clinical child psychology*, 8, (pp.1-52) New York: Plenum Press.
- Mello, S. L. (1995). Família: perspectiva teórica e observação factual. In: M. do C. B. Carvalho, (Ed.). *A família contemporânea em debate*. (pp 51-60), São Paulo: Educ.
- McCubbin, H. I. & McCubbin, M. A. (1988). Typologies of resilient families: Emerging roles of social class and ethnicity. *Family Relations*, 37, 247-254.
- McCubbin, H. I., Thompson, E. A., Thompson, A. I. & Futrell, J. A. (1999). *The dynamics of resilient families*. Thousand Oaks, California: Sage Publications.
- McGoldrick, M., Gerson, R. & Shellenberger, S. (1999). *Genograms: assessment and intervention*. 2.ed. New York; London: W.W. Norton & Company.
- Rosemberg, F. (1994). Crianças pobres e famílias em risco: as armadilhas de um discurso. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 4, (1), 28-33.
- Rutter, M. (1985). Resilience in the face of adversity: protective factors and resistance to psychiatric disorder. *British Journal of Psychiatry*, 147, 598-611.
- Rutter, M. (1996). Stress research: accomplishments and tasks ahead. In: R. J. HAGGERTY, et al. (Eds.). *Stress, risk and resilience in children and adolescents: processes, mechanisms and interventions*. (pp. 354-385). New York: Cambridge University Press.
- Sarti, C. A. (1996). *A família como espelho: Um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados.
- Szymanski Gomes, H. R. (1988). *Um estudo sobre o significado de família*. Tese de Doutorado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Szymanski, H. (1995). Teoria e "teorias" de famílias. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (Ed.). *A família contemporânea em debate*. (pp. 23-27), São Paulo: Educ.
- Szymanski, H. (2001). Entrevista reflexiva: um olhar psicológico para a entrevista em pesquisa. *Revista Psicologia da Educação*, 11/12, 193-215.
- Thompson, T. (1991). Disabilities and poverty. *American Behavioral Scientist*, 34, (4), 414-415.

- Thompson, E. A. (1999). Resiliency in families with a member facing AIDS. In H. I. McCubbin, E. A. Thompson, A. I. Thompson & J. A. Futrell (Eds.) *The dynamics of resilient families* (pp. 135-163). Thousand Oaks, California: Sage Publications.
- Walsh, F. (1993). Conceptualization of normal family processes. In F. Walsh, (Ed.), *Normal family processes* (pp. 3-69), New York: The Guilford Press.
- Walsh, F. (1996). The concept of family resilience: crisis and challenge. *Family Process*, 35, 261-281.
- Walsh, F. (1998). *Strengthening family resilience*. New York, London: The Guilford Press.
- Walsh, F. (2003). Family resilience: Framework for clinical practice. *Family Process*, 42(1), 1-18.
- Walsh, F. (2005). *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo: Editora Roca.
- Werner, E. & Smith, R. (1982). *Vulnerable but invincible: A longitudinal study of resilient children and youth*. New York: McGraw-Hill.
- Werner, E. E. & Smith, R. S. (1992). *Overcoming the odds: High-risk children from birth to adulthood*. Ithaca and London: Cornell University Press.
- Yunes, M. A. M. (2001a). A aplicação da “grounded-theory” como método de análise qualitativa no estudo da resiliência em famílias de baixa renda. *Revista do Departamento de Psicologia -UFF*, 13 (2), 123-138.
- Yunes, M. A. M. (2001b). *A questão triplamente controversa da resiliência em famílias de baixa renda*. Tese de doutorado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8, 75-84.
- Yunes, M. A. M. (2006). Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. In D. D. Dell’Aglia, S. H. Koller & M. A. M. Yunes (Eds.) *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção*, (pp. 45-68), São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Yunes, M. A. M. & Szymanski, H. (2001). Resiliência: Noção, conceitos afins e considerações críticas. In J. Tavares (Ed.) *Resiliência e Educação*, (pp.13-42). São Paulo: Cortez.
- Yunes, M. A. M. & Szymanski, H. (2005). Entrevista reflexiva e grounded-theory: estratégias metodológicas para compreensão da resiliência em famílias. *Revista Interamericana de Psicologia*, 39 (3), 439-431.
- Zimmerman, M. A. & Arunkumar, R. (1994). Resiliency research: implications for schools and policy. *Social Policy Report: Society for Research in Child Development*, 8 (4), 1-18.

Figura 1: O genograma da Família



Eventos Críticos:

- Tanto Dona Jacira como Senhor Orlando são descendentes de negros escravos do tempo das Sinhás da região de Canguçu, interior do Rio Grande do Sul. Toda a família trabalhava no campo e nas pedreiras.
- Senjor Orlando foi adotado aos 6 anos por parentes.
- Dona Jacira foi adotada aos 6 meses por parentes.
- Moraram juntos a partir de 1981
- Casaram-se em 1984
- Alcoolismo do Senhor Orlando de 1984-1996

- A história de alcoolismo se apresenta na família do Senhor Orlando nos seguintes parentes: pai biológico, pai adotivo, um irmão adotivo e dois irmãos biológicos.

Profissão e Escolaridade dos Membros da Família:

- Senhor Orlando: motorista de ônibus, 4.º série do Ensino Fundamental.
- Dona Jacira: empregada doméstica, 4.º série do Ensino Fundamental
- Paula: estudante, cursando a 4.º série do Ensino Fundamental
- Talita: estudante, cursando a 4.º série do Ensino Fundamental

